

LIBERTAS QUAE SERA TAMEN

Amós Coêlho da Silva (UERJ)
amoscoelho@uol.com.br

1. Introdução

Publius Vergilius Maro (70-19 a. C.), Públio Vergílio Marão, cujo verdadeiro nome é a forma onomástica Vergilius, do indo-europeu *uerg (cf. gr. érgon = ação; trabalho; enérgueia = energia), mas a latinidade cristã, que admirava o seu caráter dócil e melancólico associou o seu nome a *uirgo* (virgem); daí, em port. Virgílio, em fr. Virgile, em ingl. Virgil. Nasceu em Mântua, região onde fica Andes, sua cidade natal. Embora muitos lhe atribuam outras obras, constantes da *Appendix Vergiliana*, sua obra mais antiga foram as *Bucólicas* ou *Éclogas*, inspiradas nos *Idílios* ('eidýllion', *pequeno quadro poético*) de Teócrito, em seguida as *Geórgicas*, assimilado de Os Trabalhos e os Dias de Hesíodo, e a *Eneida*, cuja absorção foram os poemas homéricos: a *Ilíada* e a *Odisséia*. Não se trata, contudo, de um decalque, mas de uma expansão da linguagem poética que ecoa por intertexto entre dois ou mais grandes poetas.

O título *Bucólicas* provém do adjetivo grego 'boukolikós', próprio dos pastores, pastoril; bucólico. O outro título do poema não foi pelo Autor, mas pelos críticos: *Écloga* que provém do substantivo 'eklog(u)é', seleção, écloga. A primeira é o *corpus* de nosso estudo.

Os poemas virgilianos, aliados aos helênicos, ressoaram além dos tempos e se configurarão em estilo de época, como o *Arcadismo*, termo proveniente de Arcádia, região da Grécia fecunda em mitos. Os poetas se denominavam árcades. Os árcades setecentistas se caracterizaram pelo *fugere urbem*¹, *fugir da cidade*, pelo *Carpe diem*, *aproveite o dia de hoje* – no campo o homem encontra a paz tão deteriorada na vida urbana.

A ode horaciana (I, 11) que fala sobre o *Carpe diem* é:

¹ As traduções são de nossa responsabilidade.

*Tu ne quaesieris scire nefas quem mihi quem tibi
Finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
Temptaris numeros. Ut melius quidquid erit pati!
Seu plaris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,
Quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare 05
Tyrrhenum: sapias vina liques et spatio brevi
Spem longam reseces. Dum loquimur fugerit invida
Aetas: carpe diem quam minimum credula postero.*

Não indagues – não é permitido saber – o que para mim, o que para ti
Os deuses tenham de dar do destino, ó Leuconoe;
Nem mesmo tentes os números babilônios. Para melhor suportar o que
será...
Júpiter atribuiu ou muitos invernos, ou o último,
O qual, agora, lança em opostos rochedos o mar 05
Tirreno: saboreia tu o vinho que purificaste e que num breve espaço
Diminuas a longa esperança. Enquanto falamos, terá escoado o invejoso
Tempo: aproveita o dia, confiada o menos possível no de amanhã.

A expressão tem recepção ambígua, pois pode denotar o aproveitamento da vida sem se preocupar com o futuro, o que para alguns essa fórmula pode ser útil a mídia que se vale dela para seduzir os incautos ao consumismo e materialismo, já que por aí alcançáramos o prazer. Pode também assinalar nossa condição frágil de humanos, como ressalta o Poeta acima: não conseguimos saber qual será o nosso amanhã, porque os deuses o proíbem, além de tudo isso, apenas *enquanto falamos, o invejoso tempo escoar*. Ou seja, *invida*, etimologicamente do verbo *in-video*, *olhar demasiadamente para o que é dos outros*.

Trata-se do tema da *fugacidade do tempo* e a *brevidade da vida*. Epicuro, filósofo grego, (341-270 a. C.) propôs sentenciá-la assim: *Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem se encontram na sensibilidade: a morte é a privação da sensibilidade*. (CIVITA, 1985, p. 13) O princípio de sua filosofia era o prazer, ‘hedoné’, mas um desejo que se satisfizesse pela ausência de perturbação, ‘ataraksía’, em português: ataraxia, e não pelo regalo de um banquete, ou pelo momento de viver um grande amor, etc., por exemplo. Por isso, se a sensibilidade já não existe, quaisquer dores, também não. Sêneca, Lúcio Aneu Sêneca (4 a. C. – 65 d. C.), se deteve também neste tema em *Sobre a brevidade da vida, De Brevitate Vitae*, que é a obra mais difundida do filósofo. São cartas dirigidas a Paulino (cuja identidade é controversa), nas quais o sábio discorre sobre a natureza finita da vida humana. São

desenvolvidos temas como aprendizagem, amizade, livros e a morte, e, no correr das páginas, vão sendo apresentadas maneiras de prolongar a vida e livrá-la de mil futilidades que a perturbam. Escritas há quase dois mil anos, estas cartas compõem uma leitura inspiradora para todos os homens, a quem ajudam a avaliar o que é uma vida plenamente vivida.

Até mesmo tal ansiedade se reflete na busca pela imortalidade neste mesmo Poeta, como se lê no *Exegi monumentum aere perennius, Concluí um monumento mais perene do que o bronze* (*Odes*, III, 30, 1).

Encontrou ressonância no percurso de múltiplos movimentos literários no mundo ocidental. Essa linha de questionamento universal é o que lemos, por exemplo, no heterônimo de Fernando Pessoa (Lisboa, 1888-1935), Ricardo Reis: a não esperança.

Tão cedo passa tudo quanto passa!
 Morre tão jovem ante os deuses quanto
 Morre! Tudo é tão pouco!
 Nada se sabe, tudo se imagina.
 Circunda-te de rosas, ama, bebe
 E cala. O mais é nada.

Também podemos pensar no liberalismo como outra característica que inclui os fundamentos do direito humano defendidos na época do Arcadismo: *liberté, égalité et fraternité*, liberdade, igualdade e fraternidade, lema proveniente da Revolução Francesa de 1789, surgido contra os abusos e extravagâncias da corte francesa. O *Arcadismo* ou *Neoclacismo*, como também é conhecido, no Brasil, chegou atrasado, mas ainda no século XVIII, através de juristas ou padres que estudaram na Europa. Só haverá educação universitária no Brasil a partir da chegada da família real.

2. *Écloga I e a Inconfidência Mineira*

Embora nossa ênfase seja sobre a *Écloga I*, não podemos deixar de nos referir à *IX*, porque a *I* se liga à *IX*: as duas tratam da evicção de terras na Gália Cisalpina. Essas terras foram entregues como prêmio aos veteranos de guerra da batalha de Filipos. Para alguns estudiosos, Vergílio teria perdido também as suas terras e ainda

fora ameaçado pelo militar como novo proprietário. Há, outrossim, aqueles que afirmam que a *Écloga IX* fora escrita antes da *I*, com isso, interpretam que nada ocorreu com o Poeta, devido à intervenção de Otávio. Enfim, nada nos garante que o Autor das *Geórgicas* tenha perdido terras, pode existir um sentimento *de solidariedade ou de comiserção* em relação aos evictos (RAMOS, 1982, p. 140).

Houve época em Roma que não havia um exército profissional, os legionários eram recrutados entre as classes baixas, em geral provenientes do campo; como uma campanha militar fosse longa, muitas quintas ficavam entregues às mulheres e filhos dos recrutados, em consequência, muitos entraram em bancarrota e ficaram sem meios de subsistência próprios. A classe alta tirava proveito desta situação, comprando pequenos pedaços de terra e os agregando aos seus latifúndio (*latifundi*) e ainda usavam os trabalhos dos prejudicados como mão de obra escrava.

Tibério Graco, eleito tribuno da plebe em 133 a. C., conseguiu aprovação da *Lex Sempronia agraria*, uma lei que proibia a existência de latifúndios com mais de 500 acres. O excedente deveria ser, conforme a lei, comprado pelos cofres públicos e redistribuído pelos soldados ao fim de cada campanha militar. Mas os *Optimates*, a classe privilegiada, e que se consideravam especiais dentro do Senado romano, não concordaram com a reforma agrária de Tibério e conseguiram não só bloquear a iniciativa como também assassinar Tibério. Seu irmão Caio cumprirá o mesmo destino por ter seguido o exemplo daquele.

Existe um verbo em português que demonstra bem o valor de ser um proprietário de terras: locupletar, encher-se de terras. Por elas, a História registra muita guerra e assassinatos, como é exemplo o fato de Tibério e Caio Graco. Também na Grécia os eupátridas acumularam muitas terras à custa de trabalho escravo. Quando um cidadão se endividava completamente, ele entregava literalmente o seu corpo, como na expressão hipoteca somática, que foi eliminada na reforma de Sólon, quando criou a lei 'seisákhtheia', *retirar o peso, tirar o fardo de...* (BRANDÃO, 1986, Vol. I: 151)

A *Écloga I* é composta, como as demais, em hexâmetro datílico e pelo diálogo entre Melibeu e Títiro. Este é um escravo recém-liberto, conseguiu conservar os seus campos, mas Melibeu perdeu

suas terras em proveito de algum veterano de guerra de Júlio César através dos Triúnviros, Otaviano, Marco Antônio e Lépido, que governam Roma no momento, após a vitória de Filipos, contra Bruto e Cássio, defensores republicanos.

Títio dirigiu-se a Roma para tratar de sua alforria de seu pecúlio amealhado ao tempo de Amarflis, já que não o conseguira na época de Galateia:

*(Tityrus) Libertas, quae sera tamen respexit inertem,
candidior postquam tondenti barba cadebat;
respexit tamen, et longo post tempore uenit,
postquam nos Amryllis habet, Galatea reliquit. (30)*

(Títio) Liberdade que me viu ocioso, embora tarde,
Quando a barba, que fazia, já caía mais branca;
Olhou-me, contudo, e me chegou depois de longo tempo,
Quando Amarflis me tinha e Galateia me deixou.

Roma tornou-se soberba. Há uma guerra civil os republicanos Bruto e Cássio estão em guerra contra os triúnviros Otaviano, Marco Antônio e Lépido.

*(Tityrus) Urbem quam dicunt Romam, Meliboe, putavi
Stultus ego huic nostrae similem, quo saepe solemus (20)
Pastores ouium teneros depellere fetus.
Sic canibus catulos similis, sic matribus haedos
Noram, sic paruis componere magna solebam.
Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes
Quantum lenta solent uiburna cupressi. (25)*

A cidade que chamam Roma, eu, Melibeu, julgava
Eu, ingênuo, comparava a esta nossa (Mântua), onde os pastores costumamos
Conduzir as crias tenras das ovelhas;
Assim, tinha eu conhecido os filhotes de cão igual aos pais cães; à mãe cabra os cabritinhos;
Assim, costumava compor os pequenos a partir dos grandes.
Mas Roma elevou tanto sua cabeça acima das outras cidades
Quanto os ciprestes sobreexcedem os viburnos dóceis.

Quid facerem? Neque seruitio me exire licebat, / nec tam praesentis alibi cognoscere, Que fazer? Nem era lícito que eu saísse da escravidão, nem conhecer tão propícios deuses (em Roma). (40-1) Melibeu, então exclama: *Fortunate senex! Velho feliz! E nos versos 11 a 13, relata sua situação penosa:*

*Non equidem inuideo, miror magis: unidque totis
Vsque adeo turbatur agris! En ipse capellas
Pus aeger ago; hanc etiam uix, Tityre, duco.*

*Com efeito, eu não te invejo, antes admiro: em toda parte,
De tal forma se agitam nos campos! Será que eu, doente, (consigo)
Tocar as minhas cabritinhas adiante? A custo levo esta, Títyro.*

Tomás Antônio Gonzaga (1744 -1810), que nasceu no Porto, chegou ao Brasil com oito anos e voltou a Portugal para estudar Direito em Coimbra. Preparou o *Tratado de Direito Natural* para o exercício da cátedra universitária, mas terminou por optar pela carreira da magistratura. No poema abaixo, aconselha o *Carpe diem* a Marília:

Que havemos de esperar, Marília bela?
que vão passando os florescentes dias?
As glórias que vêm tarde já vêm frias,
e pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.
Ah! não, minha Marília,
aprovei-te o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças,
e ao semblante a graça!

Esta pertence à sua obra *Marília de Dirceu*. Marília é pseudônimo de D. Maria Joaquina Doroteia de Seixas. O seu nome, como árcade, era Dirceu. Nota-se em seu poema o lirismo e, em outras passagens, a busca pela natureza, a fim de criar clima pastoril ou bucólico. É marcante a obra *Cartas Chilenas*, uma sátira contra a administração do governo colonizador. *Critilo* é um morador de Santiago do Chile (na verdade Vila Rica), narra os desmandos despóticos e narcisistas do governador chileno Fanfarrão Minésio (na realidade, o governador de Minas até a Inconfidência Mineira). Em forma de epístolas, circulam até 1789 *Inconfidência Mineira ou Conjuração Mineira*, quando são acusados também os árcades Cláudio Manoel da Costa (1729 – 1789), Silva Alvarenga (1749 – 1814) e Alvarenga Peixoto (1743 – 1792), o padre Rolim (José da Silva e Oliveira Rolim – 1747 a 1835). Eles foram delatados por Joaquim Silvério dos Reis, sentenciados por lesa-majestade, degredados após um período de prisão na Ilha das Cobras no Rio de Janeiro e o alferes Joaquim José da Silva Xavier, apelidado de "Tiradentes", considerado líder, será exemplarmente enfocado e esquartejado. Pedacos dele foram espalhados para que outrem não ousasse tal reação.

As reuniões dos inconfindentes, mencionados acima, ocorreram na casa de Cláudio Manoel da Costa, o árcade Glauceste Satúrnio. Tomando parte do hexâmetro virgiliano, o *Libertas quae sera tamen*, que se consagrou na tradução *Liberdade ainda que tardia* como lema, que circundava um triângulo verde numa bandeira de fundo branco que adotariam para o futuro Estado do Brasil. Hoje a expressão latina é divisa da bandeira de Minas Gerais, porém o triângulo é vermelho, e também é uma divisa da bandeira do Acre (RÓNAI, 1980: LIBERTAS QVAE SERA TAMEN).

3. Conclusão

Na introdução de Nogueira Moutinho (VIRGÍLIO, 1982, p. 16) destaca a importância da *Écloga I*. É como se ela fosse uma *chave da tradição literária europeia* para quem quer que frequente bancos escolares. O diálogo entre dois camponeses, expropriados de suas terras, cuja ocupação máxima é, como no próprio hexâmetro datílico em resposta a Melibeu, quando Títilo diz que o futuro Imperador Augusto recomendara: *Pascite, ut ante, boues, pueri; submitte tauros, apascentai, ó moços, como antes, os bois; subjugai os touros*. Concordamos com o interlocutor citado aqui e transcrevemos suas palavras da página 17:

A nós brasileiros, a I Bucólica encerra significado particular extremamente caro. Foi perscrutando o primeiro hemistíquio de seu hexâmetro 27 que os eruditos magistrados e clérigos de 1789 encontraram nas sessões da Inconfidência o lema da Conjuração Mineira: “Libertas quae sera tamen”.

O *locus amoenus*, o lugar aprazível, característico das *Bucólicas* virgilianas nos remete à natureza, com personagens pastores dentro de um universo rústico. Confiam entre si suas preocupações e seus dramas amorosos, mas a *Écloga I* se volta para o *struggle for life*, a luta pela existência, mas não no sentido de Charles Darwin. Aqui é a luta pelo poder, incluindo exílios, desterramentos, dominação pela força... Sob a máscara de pastor, que lhe protege contra qualquer intervenção perigosa, Vergílio trás à luz a luta pelo poder, as injustiças sociais...

A recepção desta *Écloga I* inspirou a *Inconfidência Mineira*, que é um símbolo máximo de resistência brasileira. Dentre outras

coisas, há o museu dos Inconfidentes em Ouro Preto, cidade de Minas Gerais. Tiradentes ganhou o epíteto de *Mártir da Independência* e se tornou nome de cidade em Minas Gerais. É nome de via pública, como no Rio de Janeiro, a famosa Praça Tiradentes. Há filme cinematográfico, livros e novelas de televisão sobre o episódio histórico dos inconfidentes. O G.R.E.S. Império Serrano, em 1949, apresentou o enredo de sua escola de samba *Exaltação a Tiradentes*, de autoria de Mano Décio, Estanislau Silva e Penteado. Em 2008, a escola de samba Viradouro apresentou um carro alegórico com o tema “execução da liberdade”, cujo destaque estava fantasiado de Tiradentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986, 3 v.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1992, 2 vol.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis, Vozes, 1993.

_____. *Os idílios de Teócrito e As bucólicas de Vergílio*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1950.

CHARADEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

ECO, Humberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOISÉS, Massaud & PAES, José Paulo. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1973.

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugênio da S. Ramos. Brasília: Melhoramentos, 1982.